



Bueno Brandão Patrimônio Cultural na Área Rural

Faz parte da nossa cultura,
da nossa história, da nossa vida.

**Projeto de Educação Patrimonial
desenvolvido pelo
Departamento de Cultura,
Conselho de Patrimônio Cultural
e escolas de Bueno Brandão**

Vamos conhecer um pouco mais sobre alguns itens que fazem parte do patrimônio cultural de Bueno Brandão, e estão localizados na área rural do município.



Bueno Brandão Patrimônio Cultural na Área Rural



As fotos da capa e páginas 01 e 02, feitas por Roberto Torrúbia, mostram qual é, na verdade, nosso maior patrimônio:
o ser humano e a natureza.

Esse trabalho é focado na área rural do município, onde a principal riqueza são as famílias que vivem no campo ou, como orgulhosamente e carinhosamente costumamos dizer, na roça.

São as gerações anteriores às atuais, que herdaram tradições, criaram outras e nos transmitiram essa rica bagagem. São também as gerações atuais, que sabem respeitar e preservar o que seus antecessores cultivaram.

E não podemos nos esquecer de que, sem a natureza generosa, sem esse meio ambiente que tudo nos provém, nada haveria, nem mesmo nossa própria vida.

Os bens culturais aqui apresentados não foram escolhidos por serem mais importantes do que outros.

Toda nossa herança cultural é importante.

São apenas uma mostra da riqueza cultural semeada por nossos antepassados, colhida em vários cantos de nossa extensa área rural.



Paginação, arte e redação final:

Departamento de Cultura

Diretor de Cultura:

Gerson G. Rossi

Prefeito Municipal de Bueno Brandão:

Sílvia Antônio Félix

Impressão:

Gráfica Digital Express

Edição:

2017

Agradecimentos: *ao Conselho Municipal de Patrimônio Cultural,
ao Departamento Municipal de Educação, às escolas, professores, alunos
e a todos os entrevistados e colaboradores.*

Fotos das páginas 65 a 75: Arquivo do Departamento de Cultura.

*A pesquisa “História das Instituições Financeiras em Bueno Brandão”
que faz parte da versão impressa, contou com a colaboração de
José Florival Rossi e será publicada em breve no formato E-Book.*



Dezembro de 2017

ÍNDICE

Página - Item pesquisado - Bairro onde se localiza

06 Igreja de Nossa Senhora Aparecida, *Boa Vista dos Crispim*

08 Festa de São Gonçalo, *Machado*

11 Cachoeira dos Luís, *Cachoeira dos Luís*

14 Cachoeira dos Barbosa, *Boa Vista dos Barbosa*

17 Pico Dois Irmãos, *Dois Irmãos*

20 Virado de Frango, *em todo o município*

23 Festa de Santo Antônio, *Guabiroba*

27 Ruínas da usina e capela, *Santa Laura*

30 Imagem de Nossa Senhora Aparecida, *Campo Grande*

32 Festa do Divino Espírito Santo, *Machado*

34 Capela do Senhor Bom Jesus, *Rodrigues*

38 Capela Nossa Senhora Aparecida, *Malacacheta*

40 Cachoeiras Davi I e II, *Ciganos*

43 Sede da Fazenda São Sebastião, *Sertãozinho*

46 Capela São Roque e São Sebastião, *Mazolini*

50 Igreja de São Roque, *Furnas*

54 Festa de Santa Rita, *Santa Rita*

57 Queijo de cabra, *Furnas*

ÍNDICE (continuação)

- 63 Patrimônio Cultural,
o que pode ser considerado um bem cultural
- 64 O que é um inventário de bens culturais?
- 65 Patrimônio Material e Imaterial: o que é isso?
- 67 Cuidando de nosso patrimônio
- 68 E quando se diz que um bem é tombado, o que isso significa?
- 69 Bens tombados em Bueno Brandão
- 72 E os museus, para quê servem?
- 73 O que é Educação Patrimonial?
- 76 Símbolos de nosso município



Igreja de Nossa Senhora Aparecida

Boa Vista dos Crispim



Tanto o terreno onde se localiza a igreja, como a imagem de Nossa Senhora Aparecida foram doados pelo senhor José Pinto, do Bairro Boa Vista dos Crispim. Acredita-se que a doação tenha sido no final do século XIX ou início do século XX. A primeira construção foi uma capela pequena, em estrutura de madeira e taipa. Sua demolição deu lugar à atual igreja, construída em 1946 por Pedro José dos Santos e José Crispim dos Santos. A ajuda da comunidade local foi fundamental para a construção.

Em 1953, o piso, que até então era de cimento queimado, foi recoberto com ladrilhos hidráulicos decorados, os quais permanecem até hoje. Durante o período em que o Padre José Raimundo do Prado esteve à frente da paróquia (entre 2000 e 2009), também foram feitas algumas reformas, como no telhado e na escada que conduz ao coro. O forro, que era de madeira, foi substituído por forro de PVC.

O altar feito de madeira é um elemento que merece ser apreciado e preservado. Foi instalado em 04 de novembro de 1953, tendo sido feito por Otávio Caetano Leitão, um artesão morador do Bairro Machado.

A fabricação do altar demorou cerca de dois anos. De acordo com o senhor Benedito Barreto de Andrade, antigo funcionário da marcenaria onde foi fabricado, a oficina pertencia ao senhor Antônio Aires e ficava na Rua Israel Barbosa, na esquina com Rua Coronel Ramalho. Construído em cedro, o altar tem 3,60m de largura e 3,20m de altura. Em sua lateral pode ser observada uma inscrição referente à procedência, assim como a data de montagem e autoria da peça. Trata-se de um belo altar, que ornamenta uma das mais bonitas igrejas da zona rural de Bueno Brandão, com arquitetura que apresenta características do estilo neocolonial.

O belo piso hidráulico da igreja, importante elemento decorativo. O altar, com trabalho artístico feito pelo artesão Otávio Leitão.



Inventário de Proteção do Acervo Cultural do Município de Bueno Brandão, realizado em 2014. Fotos: Departamento de Cultura

Festa de São Gonçalo Bairro Machado



Há 85 anos, o senhor Antônio Batista Nogueira começou a realizar a dança de São Gonçalo em sua própria casa, no Bairro Machado. Acredita-se que tenha sido uma forma de pagar alguma promessa. Nos primeiros anos em que era realizada, era em sua casa onde se preparavam os biscoitos, pães, broas e café, servidos a todos os presentes, que dançavam para São Gonçalo, cantavam modas de viola durante a festa, além de dançar também a Catira. Com o seu falecimento, a festa foi organizada por seu filho, Luiz Batista Nogueira e esposa, Dona Olga.

Dona Sebastiana Nogueira, conhecida como Dona Neguinha, neta do Sr. Antônio, conta que seu avô sempre exigia que quem participasse da dança de São Gonçalo, se comprometesse com isso e o fizesse com respeito, sem risadas ou brincadeiras durante a mesma, o que os participantes procuram repetir até hoje. Após a morte do Sr. Luiz, decidiram não mais realizar o evento. Mas naquela mesma noite, duas pessoas sonharam com uma festa cheia de crianças e doces. Interpretaram isso como um pedido do Sr. Luiz para que aquela tradição não fosse interrompida.

Ela foi então realizada mas, desta vez, com distribuição de brinquedos e doces às crianças, atitude que permaneceu por vários anos. Dona Olga deu continuidade à festa e seu filho, Antônio Batista Nogueira Neto, por possuir uma padaria na cidade de Bragança Paulista, passou a fazer lá o bolo para a festa, deixando apenas para montar e finalizar o trabalho no Bairro Machado.

Bolo para todos!



Em 2008, quando o Inventário Anual de Bens Culturais de Bueno Brandão foi feito, a pesquisa constatou que a preparação começava uma semana antes, com o adiantamento dos alimentos trazidos de Bragança Paulista. Na casa da Sra. Olga eram rezados três terços: um dedicado a Santo Antônio, outro ao Divino Espírito Santo e outro a São Gonçalo. Depois disso, o altar e a imagem de São Gonçalo eram levados para fora da casa, onde ocorria a Dança de São Gonçalo, com a formação de duas filas em frente à imagem. Todos podiam participar. Arcos de bambu eram usados na decoração. Em seguida, os brinquedos eram distribuídos a todas as crianças e servido um lanche a todos os presentes.

Apesar de seu conteúdo religioso, a festa não possui qualquer ligação com a Igreja. Se no início reunia apenas parentes e amigos mais próximos, com o tempo, ganhou grande quantidade de adeptos, tanto que, nos últimos anos, passou a ser realizada no barracão de festas do bairro. Em 2014, com a morte de Dona Olga, sua filha Regina Nogueira organizou a festa da forma como era feita, pela última vez. Afinal, considerando a atual quantidade de pessoas presentes, já não havia condições de realizá-la com a distribuição de tantos brinquedos, lanches, bolos e doces para todos. Atualmente, a tradicional reza ainda é mantida, acontecendo, como sempre, no último domingo do mês de agosto.

Os dados coletados em 2008 foram complementados através de uma pesquisa feita pelos alunos do 9º ano (Carlos, Heitor, Jéssica, Kamily, Lucas, Matheus, Anelisa, Brener, Geovana, Jenifer, Mirlene, Íris e Vítor) da Escola Estadual de Bueno Brandão que foram gentilmente atendidos pela Sra. Regina Nogueira, com a presença da professora Lúcia.



*Fotos de
Pollyanna
Diniz Cordeiro
e turma do
9º ano da Escola
Estadual de
Bueno Brandão*

Cachoeira dos Luís



A Cachoeira dos Luís, localizada no bairro que leva o mesmo nome, é um patrimônio natural de Bueno Brandão. Formada pela divisão do Rio Cachoeirinha em duas quedas d'água paralelas, com 30 metros de altura cada, fica a 16 km da zona urbana do município, com acesso feito pela estrada que liga Bueno Brandão a Munhoz, via Bairro Santa Rita, possuindo pavimentação apenas no trecho próximo à cidade.

O nome “Cachoeira dos Luís” surgiu há mais de 100 anos, por causa de seus proprietários, os irmãos José Luís e Antônio Luís. Com área de 40 alqueires, o sítio onde se encontra a cachoeira pertence atualmente a Mauro César Zampieri, terceiro proprietário do local, que lá iniciou, há mais de 10 anos, a construção de um complexo turístico com chalés e apartamentos para hospedagem, restaurante, área de lazer para crianças e adultos e uma portaria para recepcionar os visitantes, que também têm a possibilidade de praticar alguns esportes radicais, como arborismo, tirolesa e cascading.

Na tirolesa, com 550 metros de extensão, você atravessa o vale passando sobre a cachoeira, preso de forma segura a um cabo de aço. Já o cascading consiste na descida pela cachoeira, através de uma corda, também de modo seguro, com orientação e acompanhamento de uma equipe treinada. Recentemente passou a ser oferecido o passeio com boia, em um percurso de 800 metros.

O acesso da portaria até a cachoeira possui calçamento em vários trechos, com escadas e corrimão na parte mais íngreme, Ao pé da cachoeira foram construídas duas piscinas naturais, a partir do deslocamento de pedras lá existentes. Com 70 cm de profundidade, a primeira delas é chamada de “piscina do professor” e a outra, “piscina do aluno”. Um avestruz, criado na propriedade, também se tornou um atrativo para os visitantes.

Além de dados que constam no Inventário de Proteção do Acervo Cultural do Município de Bueno Brandão de 2014, os alunos do 5º ano da Escola Municipal Professor Paulo José Andery, acompanhados da professora Laníria e da supervisora Andréa, estiveram no complexo turístico para conhecer e pesquisar sobre este nosso patrimônio natural.

Em entrevista com o senhor Claudemir Prado, ex-caseiro e atual funcionário do complexo turístico, os alunos foram informados de que está em torno de 400 a 500, o número de pessoas que visitam o local por mês, número este que, em feriados, se aproxima de 1000. Os alunos constataram, também, como é fundamental a preservação da mata ciliar.

A hidrografia de Bueno Brandão é composta por vários riachos com pouco volume de água, sendo o principal rio do município o Rio das Antas que, juntamente com os rios Cascavel e Cachoeirinha, formam as quedas mais altas e volumosas, entre as 33 catalogadas e tantas outras menores, cada qual com sua beleza.

Vizinhas ao bairro
Cachoeira dos Luís,
temos também a
Cachoeira Santa Rita
(foto ao lado)
e Cachoeira dos Bento
(foto abaixo).



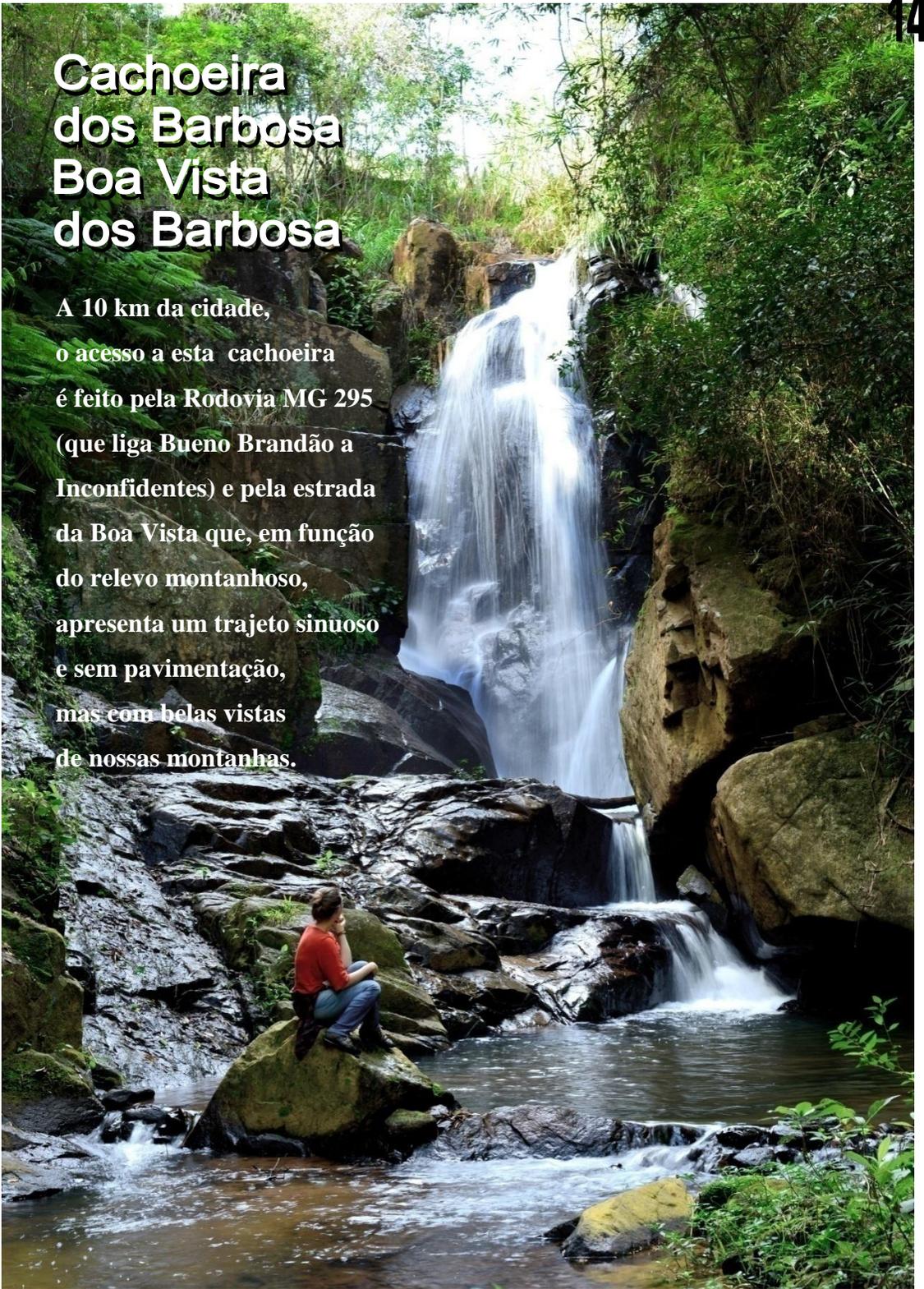
Fotos de Roberto Torrúbia,
Departamento de Cultura e
Escola Municipal Professor
Paulo José Andery.

Abaixo, turma da professora
Lanéria, durante visita à
Cachoeira dos Luís.



Cachoeira dos Barbosa Boa Vista dos Barbosa

A 10 km da cidade,
o acesso a esta cachoeira
é feito pela Rodovia MG 295
(que liga Bueno Brandão a
Inconfidentes) e pela estrada
da Boa Vista que, em função
do relevo montanhoso,
apresenta um trajeto sinuoso
e sem pavimentação,
mas com belas vistas
de nossas montanhas.



Pouco mais adiante do campo de futebol do bairro Boa Vista dos Barbosa, duas grandes e belas paineiras nos chamam a atenção: são uma referência para o acesso à trilha que leva à cachoeira, percorrendo uma propriedade particular. A queda d'água é formada pelo Ribeirão da Boa Vista, que nasce no próprio bairro e segue serra abaixo até desembocar no Rio Mogi-Guaçu, no trecho em que este passa por Inconfidentes.

Trata-se de uma sequência de pequenas quedas, tendo a primeira delas aproximadamente 12 metros e a segunda (foto abaixo) cerca de 6m.



A propriedade onde a cachoeira se encontra possui 12 alqueires, com boa parte da área preservada ao longo do curso do ribeirão. A cachoeira não é explorada comercialmente, mas a família da proprietária, Terezinha Franco da Silva, não se opõe à visita, desde que a natureza seja respeitada. O fluxo de visitantes não é grande, mas constante. Em finais de semana e feriados com boas condições climáticas, são 25 pessoas em média, entre turistas, moradores de Bueno Brandão e do próprio bairro.

Observa-se uma redução no volume de água, em relação há alguns anos atrás, o que não é fato isolado desta cachoeira, mas algo que vem ocorrendo em praticamente toda a região sudeste brasileira.

Outras quedas d'água são encontradas nos bairros vizinhos, como Boa Vista dos Pedro e Boa Vista dos Vicente, assim como outros bens inventariados, tais como casarões, capelas, imagens e festas tradicionais.



Com base no Inventário de Proteção do Acervo Cultural do Município de Bueno Brandão realizado em 2015, os alunos do 9º ano da Escola Estadual de Bueno Brandão: Larissa, Eduarda, Cauê, Suzana e Vítor Leonardo realizaram essa pesquisa, juntamente com a professora Lúcia, com apoio do Departamento de Cultura.

As fotos são de Roberto Torrúbia e Gerson Rossi.



Pico Dois Irmãos Bairro Dois Irmãos

Esta foto mostra a vista que se tem do Pico Dois Irmãos, quando se olha de lá para a cidade de Bueno Brandão. Com 1.548 metros de altitude, o local tem esse nome por apresentar duas elevações próximas. Uma delas tem difícil acesso, pois é coberta por mata densa, fechada. No outro monte, com vegetação rasteira, típica de pastagem, encontra-se um maciço rochoso.

Para chegar ao cume, basta percorrer uma trilha que começa junto à igreja do Bairro Dois Irmãos. Subindo pela encosta, a paisagem vai se revelando cada vez mais bonita. É possível observar campos de pastagem, pequenas propriedades e lavouras, como as de morango, um cultivo que aqui se expandiu muito nos últimos anos. As montanhas vão surgindo na linha do horizonte e do alto do pico conseguimos apreciar uma grande extensão do município de Bueno Brandão. Também se pode observar a vegetação da região, com várias espécies, entre elas a araucária, que é bem característica

de lugares com temperaturas mais amenas e frias. O local não é explorado comercialmente pela proprietária e sua família (Benedita Tereza Rodrigues), que não se opõem à presença de visitantes, desde que os mesmos respeitem a propriedade e a natureza.



Os alunos do 5º ano da professora Kelem (Escola Municipal Professor Paulo José Andery) visitaram o Pico Dois Irmãos, que fica a 15,4 km da cidade, e conversaram com o Sr. Batista Leonardo, residente no bairro há muitos anos. Perceberam que o local é realmente cercado de mistérios e lendas, como a bola de fogo que aparece em noites escuras, os índios que lá viveram em épocas remotas e até mesmo a questão do nome “Pico Dois Irmãos”.

Sobre este misticismo, na página 213 do livro escrito por Simonides Loddi, Campo Mystico, A Saga De Bueno Brandão, podemos conferir uma matéria do antigo Jornal de Bueno Brandão sobre o local:

As duas elevações chamadas de Pico Dois Irmãos



“Sabe-se que nosso município tem o bairro denominado Dois Irmãos, em virtude de certa semelhança notada entre dois picos ali existentes. Sabe-se também que num desses picos, encontra-se algo sobrenatural, ainda não desvendado pelo homem. Além dos moradores desse bairro, muitos já visitaram o local, a fim de satisfazer as curiosidades, porém, sem nenhum êxito”.

Os alunos usaram também como fonte de pesquisa, o Inventário de Bens Culturais de Bueno Brandão de 2016. Atividades como esta, de Educação Patrimonial, ajudam a divulgar nosso patrimônio e a conscientizar sobre a importância de que ele seja protegido, divulgado e sempre pesquisado.

Conforme o texto feito pelos estudantes, há muitas coisas para se conhecer e explorar em Bueno Brandão. Por isso devemos valorizar nosso patrimônio, que no futuro será a maneira que as novas gerações terão para contemplar e conhecer o passado.

Virado de Frango: tradição do município

Os municípios mineiros fazem, anualmente, o seu inventário de bens culturais. Em 2010, foi incluído no inventário de Bueno Brandão, o Virado de Frango, um prato tradicional da culinária local, presente no cardápio de festas populares tão importantes em nossa cidade. Na época, quem colaborou com a pesquisa, inclusive preparando a receita, foi Dona Laura Schiavon Brandão, esposa do Sr. José Roberto, residentes no Bairro Guabiroba. A experiência culinária de D. Laura remonta aos 11 anos de idade, quando, para ajudar a mãe, cozinhava para a família.

O frango sempre foi um dos principais ingredientes da culinária mineira. Comum na mesa das famílias de Bueno Brandão, o Virado de Frango foi herdado de uma prática secular, iniciada na área rural e posteriormente trazida para a cidade. Surgiu pela necessidade de se criar uma comida utilizando a farinha de monjolo e os frangos dos quintais das fazendas. A única alteração notável da receita foi a substituição da farinha de monjolo pela farinha de milho (de biju), aqui fabricada e comercializada nos mercados locais.

Além da farinha,
a receita base é composta
pelo frango caipira,
banha de porco,
sal e temperos:
alho, cebola, pimentão
e cebolinha.
Na foto, refogando-se
o frango.



As partes do frango utilizadas, coxa e contra-coxa com pele e osso, são separadas e refogadas na banha de porco, com metade dos temperos picados. Adiciona-se água quente e deixa-os cozinhar. Os pedaços de frango ficam em cozimento até quando começarem a se desprender dos ossos. A partir de então, com uma colher, desossam-se as partes, deixando os ossos na mistura. Adiciona-se a outra metade dos temperos picados. Antes do caldo secar por completo, acrescenta-se a farinha de milho até chegar ao ponto adequado, que é mais mole do que uma polenta.

Nas décadas de 1970 e 1980, o Virado de Frango era preparado em ocasiões muito especiais entre a turma da “rapaziada”. Para coroar as madrugadas de farra, havia o hábito de roubar o frango na casa de algum cidadão desavisado e, em seguida, prepará-lo conforme a tradicional receita. Muitas vezes, para amenizar a culpa, o dono do frango era convidado a saborear o prato (geralmente acompanhado com arroz), sem saber, porém, que o principal ingrediente viera de seu quintal.

Para falar de onde vem a comida mineira é preciso voltar um pouco na história do século XVIII (1700 a 1799) para entendermos melhor a variedade culinária do Estado. Foi nessa época que o Brasil viveu o ciclo do

Ouro.



Adicionando-se os temperos e a farinha: sabor com simplicidade.

Com a descoberta das riquezas de Minas Gerais, o ouro e o diamante atraíram milhares de pessoas de todas as partes do país, interessadas em ganhar dinheiro com o garimpo. A região, na época, era pouco explorada e os índios ofereciam resistência aos exploradores. Em pouco tempo, as áreas de mineração se tornaram o mais importante centro econômico da Corte Portuguesa.

As cidades como Mariana, Ouro Preto, Diamantina, São João Del Rey, Tiradentes e várias outras, surgiram e se desenvolveram nos locais da mineração. Havia uma quantidade enorme de escravos usada para mão de obra. Juízes, militares, funcionários civis, profissionais liberais, comerciantes e artistas também vieram para Minas e formavam a sociedade.

O ouro promoveu a integração brasileira. Os bandeirantes de São Paulo descobriram as riquezas e, no Rio de Janeiro, estava o porto mais próximo para a saída do ouro e a entrada de mercadorias estrangeiras e escravos vindos da África. Os fazendeiros da região nordeste traziam o gado e também produtos agrícolas. Do norte vieram trabalhadores atrás das riquezas. Do sul, os tropeiros gaúchos forneciam carne bovina e mulas para o transporte.

A culinária de Minas Gerais é o resultado de toda essa mistura de regiões brasileiras, sem nos esquecermos da influência dos estrangeiros que já estavam no país. As receitas vindas de diversas partes do Brasil sofreram mudanças e adaptações.

A mistura de ingredientes ou a substituição de um pelo outro foi construindo a rica culinária mineira.

Fotos: Frederico Prates

Festa de Santo Antônio Bairro Guabiroba



Os alunos do 5º ano do professor Eliel (Escola Municipal Professor Paulo José Andery) visitaram o Bairro Guabiroba para pesquisar sobre a tradicional Festa de Santo Antônio. Foram recebidos por Rosana Schiavon e pelo Sr. João Ribeiro de Castro, que lhes apresentou o livro de atas da Fundação Santo Antônio, onde puderam verificar que a constituição da fundação se deu aos 23 dias do mês de abril de 1959, na então residência do Sr. Cândido Ribeiro de Castro, onde decidiu-se que a capela a ser construída no Bairro Guabiroba seria dedicada a Santo Antônio. O próprio Sr. Cândido doou o terreno para a construção.

A escolha de Santo Antônio como padroeiro da capela foi feita pela Sra. Maria Casaloti Ribeiro, mãe do Sr. João Ribeiro de Castro. Ela decidira trazer, da cidade de Aparecida do Norte, a imagem do santo para homenagear seu pai, no caso, avô do Sr. João Ribeiro de Castro.

Neste mesmo ano de 1959, iniciou-se a construção da igreja. Em 13 de junho de 1960 ela foi inaugurada com a primeira Festa de Santo Antônio. Na segunda festa, em 1961, foram festeiros Joaquim Pedro Simões e esposa, Bernardo Ribeiro de Castro e esposa, e as senhoras Marina Gregório Simões e Ana Pascoal Ribeiro. Naquele tempo, a festa tinha duração de 9 dias. Atualmente, dura cerca de 4 dias.

Na época, era vigário da paróquia de Bueno Brandão, o padre José João do Rego Monteiro (*1912 †2008), natural de Mamanguape, Paraíba. Ordenou-se em 1935 e exerceu o paróquiado de 1941 a 1961.



Padre Monteiro, como era conhecido.

Até hoje, o envolvimento dos familiares dos festeiros na organização da festa ajuda a preservar os costumes, passando para as gerações seguintes, tradições religiosas e culturais da comunidade. Dentre as funções dos festeiros, estão a arrecadação de prendas e donativos para custear as despesas com a organização da festa, a distribuição de tarefas entre os participantes, a convocação de voluntários, a organização do festival de prêmios que ocorre nas noites comemorativas, além da preparação dos cultos e rezas durante as celebrações em louvor ao santo.

A festa é realizada a cada dois anos, sendo que as comemorações acontecem no início de junho, culminando com a missa festiva, no dia 13, dia dedicado a Santo Antônio. Após a missa, há uma procissão que percorre o entorno da igreja. Desde o início de junho, os festeiros e voluntários se reúnem para preparar os pães, doces, leitões e comidas que farão parte do cardápio, entre elas algumas típicas das festas juninas. Ao lado da igreja, foi construído um salão, cozinha e as instalações sanitárias, para que a festa seja

realizada com estrutura adequada.

O Conselho da Fundação Santo Antônio ainda existe, e é nas suas reuniões em que são sugeridos ou escolhidos os festeiros para a próxima festa. A última delas aconteceu em 2017, fazendo parte da comissão organizadora os casais Pedro e Neusa, Adilson e Juliana, Gleison e Tânia. Foram 5 dias de celebrações religiosas e de quermesse, com o dinheiro arrecadado sendo investido na manutenção e reforma da capela.

A celebração envolve grande parte da comunidade local, que recebe visitantes de outras comunidades vizinhas, conferindo à festa um caráter de entrosamento entre as pessoas de diferentes lugares.

Fiéis de cidades vizinhas como Bom Repouso, Munhoz e Socorro, dentre outras, marcam presença nos festejos todos os anos, para pedir ou agradecer pelas graças recebidas.

Santo Antônio é conhecido como santo casamenteiro. Acredite ou não, a tradição nos apresenta muitas simpatias realizadas com o propósito de que o santo dê uma ajudinha. Rosana Schiavon contou aos alunos que, no ano em que fez parte da comissão organizadora da festa, estava ela arrumando a Igreja e enfeitando o andor do padroeiro para a procissão, quando a colega que a ajudava fez uma brincadeira: “Arrume direitinho o Santo Antônio que você vai arrumar um namorado e se casar, logo, logo”. Não é que deu certo? Dito e feito. No final daquele ano começou a namorar e depois se casou.

O padroeiro do Bairro Guabiroba é conhecido como Santo Antônio de Pádua. Pádua é uma cidade italiana. Mas engana-se quem pensa que o santo é natural da Itália.

Santo Antônio nasceu em Lisboa, Portugal, em 1195, com nome de Fernando. Entrou para a Ordem de São Francisco, e recebeu o nome de Antônio.

Numa viagem a Marrocos, para pregar o evangelho, adoeceu. O barco foi desviado para a Sicília, na Itália onde, num encontro de frades franciscanos, conheceu pessoalmente São Francisco de Assis. Morreu em Pádua, na Itália, em 13 de junho de 1231, com 36 anos. Por isso é conhecido também como Santo Antônio de Pádua. Nas imagens, aparece trazendo à cintura o cordão de São Francisco, com três nós que representam os três votos



do santo: castidade, pobreza e obediência.

Em 1934 foi declarado padroeiro de Portugal. Por ser considerado o santo casamenteiro, em Lisboa, no dia da festa em sua homenagem, 13 de junho, é realizado o casamento de jovens noivos de origem modesta. São conhecidos por “noivos de Santo Antônio”. Tornou-se uma tradição em Lisboa, onde este dia é um feriado.

Nessa pesquisa, foi usado também o Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Bueno Brandão, de 2014. Fotos: Departamento de Cultura

Ruínas da hidroelétrica e capela Bairro Santa Laura



No inventário de bens culturais de Bueno Brandão realizado em 2007, foi feita a pesquisa sobre as ruínas da hidroelétrica e capela Santa Laura. Na ocasião, de acordo com a Sra. Suemi Chírico, moradora da fazenda e esposa do atual responsável, o Sr. Cleudes Antônio Chírico Júnior, as terras da Fazenda Santa Laura foram compradas pelo Sr. Juca Ramalho, bisavô do Sr. Cleudes Júnior.

O nome da fazenda foi dado por Juca Ramalho, em homenagem a sua primeira esposa, chamada Laura. Com o falecimento de Laura, as terras passaram para sua filha, Rita Ramalho, que se casou com o Sr. Vicente Chírico. Após a morte do casal, ficou como herdeiro o Sr. Cleudes Antônio Chírico, que já foi prefeito de Bueno Brandão por mais de um mandato. Posteriormente, seu filho, Cleudes Júnior assumiu a herança. Durante a partilha das terras, ao longo das gerações, a propriedade perdeu 25% de seu território inicial.

O local produzia tudo o que era necessário para a subsistência dos moradores. Apenas o sal era comprado. A fazenda já foi a maior produtora de café das redondezas. Na época da pesquisa, em 2007, além do café, lá era criado gado leiteiro e de corte. Antigamente, gerava sua própria energia, através de uma pequena usina hidroelétrica.

Havia, também, um moinho d'água e um monjolo, engenho rústico, movido à água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. A roda d'água foi refeita, apesar de não ter mais a função de gerar energia.



A sede da fazenda Santa Laura já foi bastante modificada, tendo perdido boa parte de suas Características originais.

A Capela de Nossa Senhora de Montserrat recebeu este nome devido à imagem existente em seu interior.



Havia pequenas procissões dentro dos limites da fazenda, motivo pelo qual há um pequeno andor guardado na capela. Sendo assim, Santa Laura é o nome da fazenda, e não a santa em homenagem a qual, a capela fora construída.

A usina hidroelétrica funcionava nesta construção que vê na foto abaixo, feita com grandes tijolos de barro. O telhado chegou a cair, mas foi substituído. O antigo motor se tornou obsoleto e uma nova represa foi feita. O acesso à fazenda é feito pela estrada que liga Bueno Brandão ao Bairro Mococa (Monte Sião).

*As fotos, feitas em 2007,
ocasião dessa pesquisa,
são de Pollyanna Diniz Cordeiro*





Igreja e Imagem de Nossa Senhora Aparecida Bairro Campo Grande

Em terreno doado por Manoel Rodrigues de Castro, foi construída a Capela de Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Campo Grande. Nessa ocasião, era usada uma pequena imagem de Nossa Senhora que, em 1976, foi substituída por outra maior, doada por romeiros que a trouxeram do Santuário de Aparecida do Norte. Esse grupo de romeiros foi conduzido pelo Sr. Elpídio de Castro. Sua chegada foi recebida com festa e benção feita pelo padre Otávio Lourenço Santana, que exerceu suas funções na paróquia de Bueno Brandão entre os anos 1972 a 1977. Ele deu início à campanha para a construção da capela na comunidade Campo Grande.

Nessa época ainda não havia uma capela. A imagem, então, era guardada na casa dos fiéis e levada para a Escola Rural 21 de Abril onde, em uma sala de aula usada por moradores do bairro para as práticas religiosas, eram celebradas missas por ocasião da festa da padroeira.

Graças às doações dos paroquianos, em 1989, o padre José Raimundo do Prado liderou a comissão de obras para a construção e, no dia 12 de outubro desse ano, foi inaugurada a Capela Nossa Senhora Aparecida do Bairro Campo Grande. Segundo Dona Elsa Ribeiro de Castro, entrevistada na pesquisa feita pelos alunos da Escola Municipal Professor Paulo José Andery (professora Telma), o Sr. Nelson Domingues de Castro foi quem trabalhou na construção. Desde então, a imagem trazida pelos romeiros encontra-se na capela, à esquerda do altar.

A capela já passou por reformas. Em 2011, quando a antiga Escola 21 de Abril foi demolida, a prefeitura doou o material para a construção da torre, que hoje compõe a fachada principal, e de duas salas localizadas ao fundo, além da troca do forro e a substituição da porta de acesso



Os alunos usaram também, como fonte de pesquisa, o Inventário de Bens Culturais de Bueno Brandão, realizado em 2015 quando, então, foram entrevistados o Sr. Pedro Salvador de Castro e a Sra. Custódia Pereira de Castro.

Fotos: Marisa Vieira Barbosa e Departamento de Cultura



Festa do Divino Espírito Santo

Bairro Machado

Quando foi feito o Inventário de Bens Culturais de Bueno Brandão de 2008, naquele ano a Sra. Sebastiana Nogueira, conhecida como Dona Neguinha, colaborou fornecendo algumas informações. Segundo ela, a Festa do Divino acontecia na casa do Sr. José Domingues Leitão e sua irmã, a Sra. Sebastiana Domingues Leitão, uma humilde rezadeira moradora do Bairro Machado.

Não foi possível precisar a data do surgimento da festa, que passou a ser realizada entre os meses de junho e julho de cada ano. Sabe-se apenas que a celebração acontece desde quando o casal de irmãos vivia em outro local, onde eram caseiros.

O patrão então comprou-lhes outra casa, onde os irmãos continuaram a fazer a festa. Os dois já não viviam juntos, mas em casas muito próximas.



Antigamente, além da reza, havia a dança da catira. Depois passou a se resumir na reza. A simplicidade é um traço marcante desse festejo, que acontece à tarde, com o terço rezado na casa do Sr. José Domingues, seguido de uma procissão que vai até a casa de sua irmã, Dona Sebastiana, onde outro terço é rezado. Depois é servido um lanche para os presentes.

A imagem do Divino Espírito Santo, enfeitada com colares e correntes, costuma ficar na casa do Sr. Antônio Gustino e sua esposa, Sra. Maria. Na ocasião da festa, é levada para a casa do Sr. José Domingues. A festa, além de reunir as pessoas, mantém a tradição religiosa.

As fotos da pesquisa, feita no ano de 2008, são de *Pollyanna Diniz Cordeiro*.

Capela do Senhor Bom Jesus Bairro Rodrigues



Antes da independência do Brasil, as áreas que ainda se encontravam despovoadas foram sendo adquiridas ou ocupadas pelos desbravadores, que iam instalando pontos de pouso e reabastecimento, edificando moradias e estabelecendo sítios e fazendas, bem como construindo currais e outras benfeitorias, muitas vezes às escondidas.

Nessa época, a posse era uma forma de apropriação territorial e fuga do controle das autoridades. Mas havia também os meios normais, pois o governo português ainda permitia o direito de posse de terras a quem as pedisse e tivesse condições de cultivá-las, ou mesmo àquele que alegasse ser seu primeiro ocupante. É bem provável que, por um desses meios, foi formada a Fazenda do Ribeirão das Antas.

Uma das herdeiras dessa fazenda era Jacintha Maria de Jesus, casada com o português Patrício José Joaquim de Miranda, supostamente vindo do Rio de Janeiro em 1820. Ele, ao perceber a necessidade dos moradores e viajantes, montou uma venda em sua própria casa, perto da antiga caixa d'água (na subida para o Cristo). Ele possuía uma imagem

do Senhor Bom Jesus, trazida de Portugal, que deixou em sua casa, numa espécie de oratório, uma capelinha particular.

Como nas imediações de sua propriedade havia uma laje de pedra coberta de densa mata, onde a temperatura era baixa durante todo o ano, a dita capela começou a ficar conhecida como do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria.

Começaram a ser realizados festejos em homenagem ao Bom Jesus, festejos estes que foram se incrementando.

Surgiu então a ideia de se construir uma igreja, mas onde? Foi quando o Sr.

Patrício José Joaquim de Miranda e os demais proprietários da Fazenda das Antas decidiram fazer a doação de uma gleba de terras ao Senhor Bom Jesus, em 8 de fevereiro de 1820.

A carta de doação foi redigida por

Antônio Caetano Monteiro, provavelmente por ser um dos moradores mais letrados. A capela foi construída entre 1820 e 1822, ou seja, ainda no período colonial, onde é hoje a Praça Virgílio de Melo Franco. Junto dela ficava também o cemitério do povoado.



Em 1900, com a inauguração da nova Matriz, a imagem do Senhor Bom Jesus foi levada para o Bairro dos Rodrigues, pois uma nova imagem foi colocada no altar na nova igreja, que o paroquiano Antônio Ribeiro Miranda mandara vir de São Paulo, em 1871.



A imagem que havia sido trazida pelo português foi levada para o Bairro dos Rodrigues, onde a família Rodrigues a colocou em uma capela.

Em 1941, foi construída no bairro a nova capela do Senhor Bom Jesus,

sendo demolida a antiga.

Na foto abaixo, podemos ver os

vestígios da base de pedra da

antiga capela, próxima à atual.

Quando a pesquisa sobre a capela

foi feita, no Inventário

de Bens Culturais de Bueno Brandão realizado em 2008,

a Sra. Josefina Constantine de Moraes relatou que a construção havia sido feita pelo Sr. Chico Rodrigues.

Há pouco mais de 60 anos foi feita uma intervenção na edificação, com a construção da torre e do adro, o pátio que se encontra ao redor da capela. Segundo o Sr. Valdomiro Rodrigues de Moraes, filho da Sra. Josefina, em dezembro de 2005



houve uma outra reforma, com a construção da Capela do Santíssimo, troca do piso em ladrilho hidráulico por cerâmica, instalação do forro de PVC e a pintura geral. Nesta mesma ocasião, foi trocado o madeiramento do telhado e o reboco foi refeito, já que a alvenaria estava aparente em alguns pontos.

Em 2017 a capela foi novamente pintada e no final do mês de agosto foi realizada, no Bairro dos Rodrigues, a festa de seu padroeiro, Senhor Bom Jesus, que é também o padroeiro de nossa cidade.



Para este trabalho, além da pesquisa feita em 2008, foi consultado o livro Campo Místico, a Saga de Bueno Brandão (de Simonides Loddi) e o estudo feito pelas alunas Samantha e Gabriely (professora Kelem), do 5º ano da Escola Municipal Professor Paulo José Andery. As fotos são de Pollyanna Diniz Cordeiro, Gerson Rossi e arquivo do Depto de Cultura.



Capela de Nossa Senhora Aparecida Bairro Malacacheta

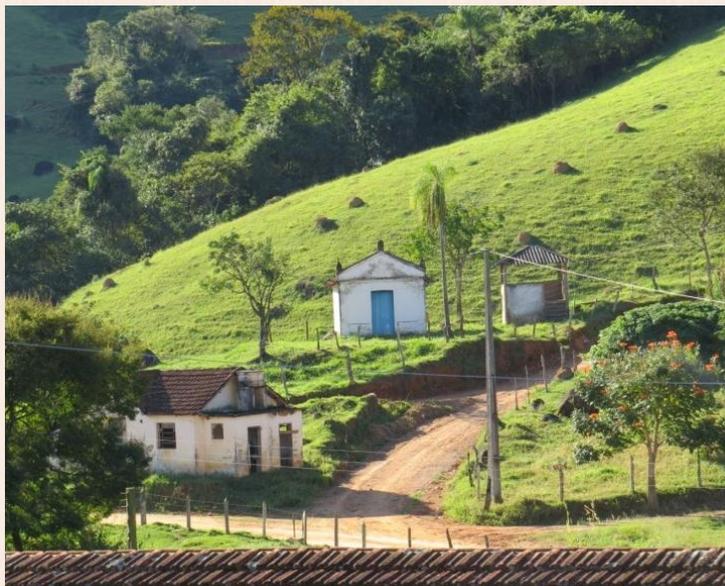
Nesse estudo feito em 2010, por ocasião do Inventário de Bens Culturais então realizado, foram ouvidos relatos dos Srs. Ito Vicente da Silva e Benedito Donizete de Oliveira, segundo os quais, toda a extensão de terras no local pertencia a Lázaro Cândido Ferreira, que no final do século XIX já residia na região. O Sr. Lázaro residia em uma casa à margem direita do Rio das Antas, que passa pelo bairro Malacacheta.

A fazenda do Sr Lázaro tinha como produção principal o café, mas também mantinha produção de subsistência (gado, milho, suínos). Por devoção a Nossa Senhora Aparecida, ele mandou construir, vizinha a sua residência, uma capela dedicada à santa. Conta-se que sua devoção era tal, que as festas dedicadas à Nossa Senhora Aparecida, por ele organizadas, eram conhecidas e frequentadas por moradores das fazendas vizinhas.

Com a morte do Sr. Lázaro, na década de 1950, aquela parte das terras passou a pertencer a seu filho, Augusto Cândido Ferreira. Seguindo os passos de seu pai, Augusto construiu, ao lado da capela, um coreto para atender às

dedicadas a Nossa Senhora Aparecida. Em 1964, o Sr. Ito Vicente da Silva comprou as terras. Segundo seus relatos, as festas deixaram de ser realizadas desde 1980. Na década de 1980, graças a um mutirão organizado pelos fiéis, a capela ganhou novo telhado e nova pintura. Em 1987, um acidente destruiu parte do coreto, reconstruído em 2007.

A partir de 1990 não aconteciam missas na capela, mas os fiéis do bairro e de fazendas vizinhas continuaram a se reunir, mensalmente, para rezar, no local, um terço dedicado a Nossa Senhora Aparecida.



*Também colaboraram nesse trabalho,
os alunos do professor Eliel,
do 5º ano da Escola Municipal
Prof. Paulo José Andery.*

*As fotos são de
Gerson Rossi e
Frederico Prates.*

Cachoeira Davi I Bairro Ciganos

Um dos principais rios do município, o Rio Cascavel, aos passar pelo Bairro Ciganos, forma várias quedas ao longo de seu curso.



Cachoeira Davi II Bairro Ciganos



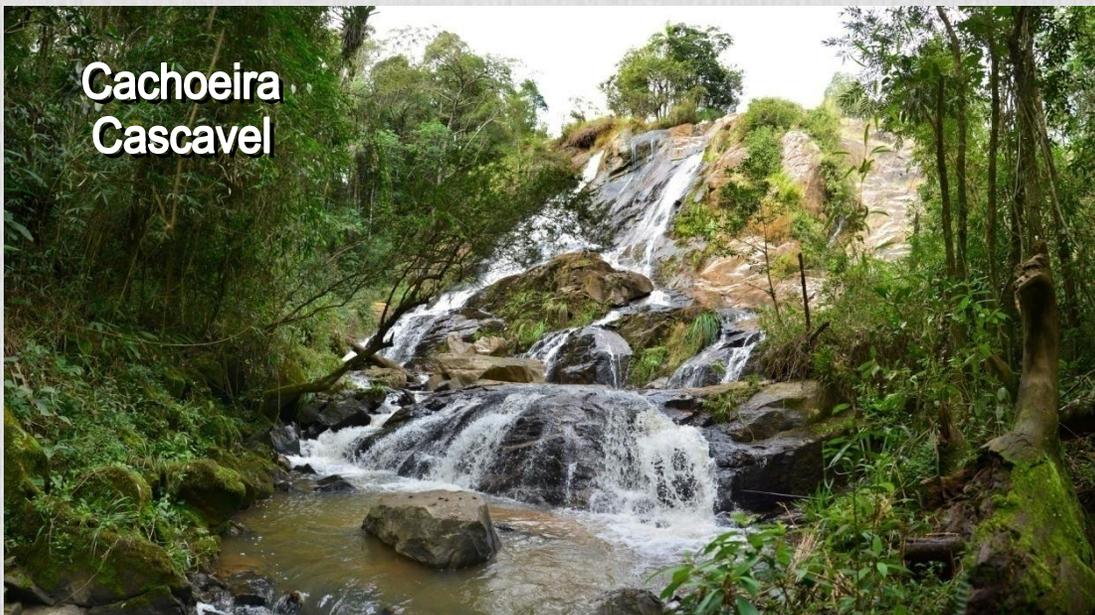
Cachoeira dos Ciganos



Uma delas é a Cachoeira dos Ciganos. Descendo o rio, encontramos a Cachoeira Cascavel e, um pouco mais adiante, estão as quedas Davi I e II. Cada uma delas tem seu encanto e seus contornos, desenhados pelas pedras e pelas águas que por elas descem.

As fotos são de Roberto Torrúbia.

Cachoeira Cascavel



Para se chegar até elas, saindo de Bueno Brandão em direção a Munhoz (após aproximadamente 9 km), logo que se passa pela igreja do Bairro Ciganos, ao lado direito da estrada, basta virar á direita, seguir entre 1 a 2 km.

A Cachoeira Davi I tem queda com cerca de 40m formando um poço com mais de 2 metros de profundidade. Um pouco mais adiante está a queda de 25m da Cachoeira Davi II, cercada de mata, de modo a permitir que a luminosidade só seja mais intensa quando o Sol está a pino, quando seus raios conseguem chegar ao local.

Ambas (Davi I e II) fazem parte do Inventário de Bens Culturais realizado em 2009, e receberam esses nomes por estarem localizadas dentro da propriedade do Sr. Davi Bueno, que não explora tais atrativos comercialmente, mas não se opõe a visitas, desde que sejam feitas com os devidos cuidados e respeito para com sua propriedade e a natureza.

Como chegar até as quedas exige algum conhecimento das trilhas, os turistas mais conscientes e cautelosos o fazem com o auxílio de um guia, ou através de receptivo turístico que oferece passeios para o local.

Assim como as outras tantas cachoeiras existentes em Bueno Brandão, essas quatro quedas (Ciganos, Cascavel, Davi I e II) fazem parte de nosso patrimônio natural, que só poderá ser mantido se os proprietários das terras forem conscientes e todos os visitantes adotarem atitudes simples, mas com resultados muito positivos, como recolher todo o lixo que produzirem e manter intactas as espécies vegetais e animais que habitam esses pequenos santuários ecológicos. Ações como esta beneficiarão, muito mais do que o turista e moradores do município, o próprio dono das terras, que terá sua propriedade valorizada e mais protegida dos efeitos devastadores do uso incorreto dos recursos naturais.



Sede da Fazenda São Sebastião Bairro Sertãozinho

Segundo o saudoso Sr. José Maria de Lima, que em 2010, quando foi realizado o estudo sobre a Fazenda São Sebastião, trabalhava no local, em meados da década de 1920, as terras pertenciam ao Sr. Pedro de Almeida. Com sua morte, seu filho, Júlio Luis de Almeida, adquiriu a parte dos irmãos. Foi então que a fazenda recebeu o nome de São Sebastião.

Assim que o Sr. Júlio a adquiriu, construiu a sede, esse casarão que se vê na foto, com alpendre frontal. Os cômodos principais, como sala de jantar e visita, foram decorados com pinturas simulando barrados. Com a construção da sede, o Sr. Júlio passa a residir no local com a esposa Amália Schiavon, constituindo família.

O principal foco da produção era o café, mas também se produzia, como subsistência, gado, milho, suínos e cana.

O principal foco da produção era o café, mas também se produzia, como subsistência, gado, milho, suínos e cana. Com o crescimento e prosperidade da fazenda, com sua grande produção de café, na década de 1940 houve vários investimentos na produção cafeeira. Além do grande pátio de secagem dos grãos, é construído o galpão de beneficiamento e instalado o maquinário industrial para limpeza e ensacamento do café.



À frente do galpão foram construídas as edificações que abrigavam o setor administrativo. Nesta mesma época, o Sr. Júlio passa a contratar trabalhadores temporários para ajudar no período de colheita, que residem nas casas simples construídas na fazenda, as casas de colonos.



Na década de 1970, além do calçamento das vias de acesso junto ao galpão de beneficiamento e prédios administrativos, a sede da fazenda passou por uma reforma, com a troca do madeiramento, telhado e forro, além da construção de instalações sanitárias e expansão da residência.

Em 1985, após o falecimento do Sr. Júlio Luis de Almeida, o filho Minor Schiavon de Almeida assume a administração da fazenda. No ano seguinte, com a morte da matriarca, Dona Amália, a sede da fazenda passa a ficar sem morador constante. Com o passar dos anos, a edificação passou a não ser mais ocupada. A atividade cafeeira permanece e as antigas casas de colonos ainda existem, porém, sem residentes.

Assim como esta fazenda, havia muitas outras no município, em bairros como Coutinho, Mazolini, Santa Laura, Boa Vista, cada qual com sua sede e várias casas para os colonos. Sem os patriarcas, as propriedades foram sendo divididas entre os herdeiros. Muitos deles venderam as terras e foram em busca das facilidades da cidade, trabalhos menos braçais ou oportunidade de estudo para si mesmos e para os filhos. Com isso, a zona rural do município foi perdendo moradores. Não se trata de uma ocorrência local pois, em todo o país, o êxodo rural é uma realidade.

Entre os bens culturais de Bueno Brandão há casarões que não mais existem, mas a pesquisa sobre eles continua, afinal, sua história não deixa de existir. Um dos exemplos é o casarão onde vivia a família Bueno, no caso, na área urbana do município. Localizado na Rua Barão de Campo Místico, próximo à Praça Coronel Bueno, o casarão já foi demolido, mas é um bem cultural cuja história não foi abaixo com ele. Ela permanece. Portanto, pesquisar sobre bens culturais que já nem existem, é importante e necessário para conhecermos nossa história e darmos oportunidade às futuras gerações de conhecerem o passado.

Capela de São Roque e São Sebastião Bairro Mazolini



A construção da Capela de São Sebastião e São Roque está ligada à ocupação do bairro Mazolini, no início do século XX. Em 2011, durante as pesquisas para o inventário de bens culturais do município, o Sr. Armando Mazolini contou que seu avô, Luiz Mazolini, um dos primeiros habitantes do bairro, era italiano e, chegando ao Brasil com sua esposa Polônia Mazolini, veio para a região de Socorro. Buscando terras férteis para cultivo, abria “picadas” na mata em direção ao Pico do Serrote, chegando então às montanhas do futuro bairro Mazolini. Instalou-se no local, onde se dedicou a criar seus filhos e às atividades agrícolas.

Em 1927, construiu a Capela de São Sebastião e São Roque, organizando festas anuais dedicadas aos santos de devoção. Com os recursos arrecadados com as festas, um pequeno rancho foi erguido ao lado da capela, onde foi montado, sob a tutela de seu filho, Luizinho, um presépio motorizado, em que as imagens eram articuladas e móveis.

Era Luizinho quem dava manutenção e mantinha o maquinário do presépio, trazendo de Campinas as peças necessárias. O rancho era usado também como apoio para as festas, sempre celebradas em janeiro.

Neste período, a energia elétrica era fornecida por gerador, que ficava próximo à residência do Sr. Luiz. As missas eram celebradas três vezes ao ano ou em ocasiões especiais, como casamentos, batizados e primeira comunhão.

Em 1960, com a morte do Sr. Luiz Mazolini, quem assume a coordenação da capela é o Sr. Leonidio Mazolini, outro filho do casal. Com o tempo, talvez pela morte do pai, Luizinho perdeu o interesse pelo o presépio, sendo que o mesmo foi se perdendo como passar do tempo.

Por volta de 1985, foi realizada a primeira reforma da capela, sendo demolido o antigo rancho, com o local sendo usado para ampliação da edificação.



**A capela,
na década de 1960,
com o rancho
ao lado.**



**Após a reforma
de 1985, já sem
o rancho.**



**Com a nova
pintura, feita
em 2009.**

Com esta ampliação, a capela ganhou novo forro, piso, pintura e um altar para o retorno do presépio, dessa vez mais simplificado e sem motorização. Em 2009 a capela foi pintada novamente.

Quando o estudo foi feito, em 2011, a coordenadora da capela era Isabel Cristina da Silva Mazolini. Atualmente as missas são celebradas uma vez por mês, e uma equipe do bairro é zeladora da capela.



Os alunos do 5º ano da Escola Municipal do Bom Jardim, acompanhados de sua professora, Sarita, e da coordenadora Maria Aparecida, visitaram a capela e conversaram com o Sr. Genésio Mazolini e Dona Lourdes Mazolini, que confirmaram os dados da pesquisa feita no ano de 2011.

2011 e acrescentaram novas informações como, por exemplo, o triste fato da capela ter sido alvo de ladrões. Foi roubado o antigo sino, além de uma imagem feita de bronze e os violões que eram usados nas missas, para acompanhar os cânticos. Nas fotos ao lado, o interior da capela, os alunos, a professora Sarita, o Sr. Genésio e Sra Lourdes, em frente ao atual presépio.

As fotos são de Frederico Prates, Gerson Rossi e Escola Municipal do Bom Jardim.



Igreja de São Roque Bairro Furnas



Em 2013, um dos bens culturais de Bueno Brandão estudados foi a Igreja de São Roque, localizada no Bairro Furnas, às margens da rodovia MG-295. Na ocasião, Dona Vera Pereira, moradora do bairro, foi muito atenciosa em fornecer algumas informações, contando que a antiga igreja de São Roque, edificada na década de 1950, ficava localizada nas terras do Sr. Lázaro Pereira e foi construída pela comunidade.

Era nessa igrejazinha onde ocorriam as celebrações das festas de São Roque, organizadas pelos moradores do bairro no final de semana mais próximo ao dia 16 de agosto, dia do santo.

E a primeira dessas festas aconteceu junto a uma pequena pitangueira, que ficava próxima à igrejazinha.

Pela dificuldade de acesso ao terreno onde a igreja fora construída, na década de 1970 os moradores decidiram mudar a sua localização, transferindo a igreja para um terreno doado pelo Sr. Vidal Pereira. Foi feito um projeto, com planta em forma de cruz, executado por dois pedreiros: o Sr. Josepe Caldoni (ou seria Giosepe?) e o Sr. Mário Caldoni Filho. Os principais responsáveis pela construção do imóvel teriam sido o Sr. Antônio Pereira César e o Sr. Vidal Pereira César. Houve colaboração de toda a comunidade, com doações de materiais e recursos financeiros.

O padre Monteiro era o responsável pela paróquia, na época. Quando as obras terminaram, foi realizada uma festa para comemorar a inauguração, além de um almoço dedicado a todos os enfermos da comunidade.



Na década de 1980, o madeiramento do telhado foi trocado. No ano 2000, foi construído o barracão de festas e, em 2012, o forro original, em madeira, foi trocado por forro de PVC.

Atualmente, as reformas e manutenção da igreja são custeadas pelo dízimo, uma contribuição espontânea oferecida pelos fiéis. O altar onde está a imagem do santo foi doado pelo esposo de Dona Vera Pereira, o Sr. Idalécio Pereira. A imagem de São Roque foi adquirida pela comunidade, na época da inauguração da nova igreja, na década 1970.

Para as festas, era eleita uma comissão, em conjunto com o festeiro. A celebração era antecedida por uma novena e, no dia 15 de agosto era celebrada uma missa e realizada uma procissão levando a imagem de Nossa Senhora. No dia 16, realizava-se uma missa às 10 horas e à tarde acontecia um leilão de itens variados e nova procissão, com a imagem de São Roque carregada pelos fiéis. Os comes e bebes, antes produzidos por toda a comunidade, a partir de 1975 passaram a ser vendidos nas barracas montadas em torno da igreja. Foram anos em que a festa recebia um grande número de visitantes, não apenas do bairro mas de outros lugares do município e outras cidades.



Com a construção do barracão de festas, a comunidade passou a estender a celebração para o período da noite, realizando “O show do violeiro”, em que o melhor violeiro era escolhido com um grupo de jurados. Fazia-se também o concurso da mais bela moça da festa, que tivesse cerca de 16 anos. No entanto, a festa de São Roque não é mais realizada desde o final da década de 1990. Atualmente, é realizado um almoço, no barracão da comunidade, para celebrar o dia do santo.

São Roque nasceu em Montpellier, na França. Filho único, recebeu uma grande herança do pai, mercador abastado. Estudou medicina e dividiu entre os pobres metade da herança. Diante da grande mortalidade causada pela peste que assolou a Europa no século XIV, passou a trabalhar na cura dos necessitados e a realizar os seus primeiros milagres.



Os alunos do 9º ano da Escola Estadual de Bueno Brandão (Angêlica, Jeisla, Marcos, Miguel, Tânia, Thiago, Liriel, Pâmela, Chayane, Andressa e Sara), com a coordenação da professora Lúcia, também colaboraram nesta pesquisa usando, inclusive, o material do estudo feito em 2011, por ocasião do inventário cultural. As fotos do interior da igreja são de Gerson Rossi. A foto da fachada foi feita pelos alunos.

Festa de Santa Rita Bairro Santa Rita



De acordo com alguns documentos encontrados no interior da Igreja de Santa Rita, durante o estudo feito em 2013, para o inventário de bens culturais daquele ano, o bairro Santa Rita era anteriormente denominado como Colônia dos Marcos, referência à presença dos imigrantes espanhóis que vieram morar na região na década de 1960.

Nos estudos de 2013, a Sra. Odete Maria Andrade Pereira contou que, ao longo do tempo, moradores de outras regiões do município e de outras localidades vieram morar no local. Nesse período, ao notar o movimento na região, Padre Otávio sugeriu que fosse construída uma igreja em homenagem a Santa Rita, na comunidade que ali estava se formando. O terreno foi doado pelo Sr. Aparecido Chica, devoto da santa e que também havia sugerido a construção. Com a colaboração de todos os moradores, a igreja foi construída e inaugurada em 1971. A imagem de Santa Rita foi doada pelo Padre Otávio, no dia da missa de inauguração.

Os senhores Joaquim Chica e Aparecido Chica, juntamente com suas famílias, foram os responsáveis por organizar as três primeiras festas destinadas à padroeira do bairro, nas quais arrecadaram verba para cobrir parte dos gastos com a construção. Foi em homenagem à santa que a comunidade adquiriu sua atual denominação.

A festa de Santa Rita costuma acontecer no dia 22 de maio, com celebração da missa pela manhã e logo após uma procissão. Em seguida, é realizado um leilão de animais e prendas, com o intuito de arrecadar fundos para a manutenção e melhorias da igreja. Há também barraquinhas de comes e bebes com o mesmo intuito, além de doações feitas pelos moradores do bairro.

Após o falecimento do Sr. Aparecido Chica, todo o trabalho na igreja foi delegado ao Sr. Joaquim e Dona Ditinha (já falecidos), que se esforçaram para a construção de um novo barracão, ao lado da igreja, para abrigar as comemorações e festas da comunidade.



A igreja chegou a ter um velho barracão e uma cozinha, já demolidos. Atualmente, a Sra. Juliana e o Sr. Gilson são os responsáveis, que contribuem para a boa e organizada continuidade dos eventos religiosos. A igreja passou por reformas em 2007, quando foi trocado o madeiramento do telhado e também as telhas. Foi colocado forro de PVC, feita a manutenção nas esquadrias metálicas, com fechamento em vidro.



Jamily e Mayara são moradoras do bairro Santa Rita e alunas do 5º ano (prof. Telma) da Escola Municipal Professor Paulo José Andery. Juntamente com toda essa turma do 5º ano, visitaram o bairro e falaram com as moradoras Afonsina Rosa de Almeida e Leonina de Almeida da Silva, que colaboraram com a pesquisa.

Algumas datas são aproximadas pois não foi possível ter acesso a documentos que precisem as informações.

As fotos são do Departamento de Cultura, feitas em 2013.



**Os saberes:
modo de fazer queijo
de cabra e de vaca**

Bairro Furnas

Segundo alguns estudos, a origem do queijo data de 10.000 a. C. quando, a partir da observação do processo natural de coagulação do leite de cabras e ovelhas, então domesticadas pelos primeiros pastores, foram feitas as primeiras tentativas de fabricação do queijo.

No Brasil, a origem dos queijos artesanais está relacionada à introdução do gado bovino pelos colonizadores portugueses, que também trouxeram para cá a receita do queijo português.

É especialmente na região de Minas Gerais, no final do século XVIII, com o declínio da atividade de mineração e consolidação da atividade pastoril, que a técnica de produção artesanal do queijo é disseminada nas fazendas, visando principalmente o uso interno.

Dessa forma, ao longo dos séculos XIX e XX, a fabricação de queijo assumiu um papel de suma importância no crescimento das economias locais no interior de Minas Gerais. Se até 1800 o queijo era importado de outras regiões do país, no início do século XIX esse contexto transforma-se e os queijos, até então com papel secundário na culinária mineira, passaram a ser usados como sobremesa, acompanhando doces ou como complemento de ceias noturnas.

A expansão do consumo e da produção de queijos em Minas, ocorreu como consequência de se aproveitar o leite nos locais da província onde se intensificava a pecuária. Saint Hillaire, viajante que percorreu o interior do Brasil no século XIX e Luis Câmara Cascudo, jornalista e historiador brasileiro, comentam sobre a exportação do queijo de Minas para outras regiões do país, desde as primeiras décadas do século XIX.

A tradição da fabricação de queijos em Minas continua. O Sr. Airton Gianesi da Costa, residente no bairro Furnas, iniciou a produção de queijos artesanais no início da década de 1980. Na época, residia em São Paulo, trabalhando como engenheiro, mas sempre com interesse na produção de queijos com leite de cabra. Foi então que, no início dos anos 1980, começa a criar sete cabras na fazenda de seus pais, o Sr. José Goes da Costa e sua esposa, Sra. Elvira Gianesi, já residentes no bairro Furnas. Inicialmente, produziu o queijo frescal de cabra, para consumo próprio.

Entre os anos 1985 e 1986, percebendo o potencial comercial da produção de queijos artesanais, Airton resolveu ampliar a sua produção. Foi o início de um investimento de sucesso, com benefícios não apenas para o proprietário, mas para o bairro e todo o município, através da geração de empregos, valorizando a matéria prima e mão de obra local, além de divulgar o nome de nossa cidade, através de um produto com qualidade.

Nessa ocasião, montou parceria com outro produtor, o Sr. Pedro Olivote, da região de Extrema, Minas Gerais, e ambos passaram a fornecer o queijo fresco de cabra para a Casa Santa Luzia, referência em queijos e derivados, na cidade de São Paulo.

A produção seguiu dessa maneira até 1990, quando Airton, junto com outros produtores de São Paulo, montaram a Capricoop, cooperativa de laticínios que produziam o queijo fresco de cabra.

Em 1992, Airton formalizou a empresa Na Morada Indústria e Comércio Ltda, implantada na fazenda no bairro Furnas. Em 1993 certificou a sua empresa com o SIF (Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura), o que permitiu a expansão do negócio.

Nos anos seguintes, a Capricoop criou a marca Paulo Capri e estabeleceu um convênio com a Associação Francesa Fértil, que forneceu a transferência de tecnologia e conhecimento na produção de queijos artesanais tipicamente franceses.



. Através desse convênio, Airton Gianesi da Costa, juntamente com os demais produtores, viajaram para a França, onde ficaram 40 dias para aprender a produzir outros tipos de queijos de cabra. Depois disso, a Capricoop estabeleceu contato com mercado de restaurantes e casas de referência em laticínio em São Paulo, tendo uma maior demanda na produção de queijos. Já em 1997, com a abertura do Mercosul, foi alterada a legislação sobre os laticínios, o que proporcionou a expansão da empresa do Sr. Airton, que passou também a trabalhar com queijos à base de leite de vaca.

Em 2007,

as atividades da Capricoop foram encerradas.

Devido a este fato e ao constante crescimento do mercado,

a empresa Na Morada

se expandiu ao ponto de, no ano de 2013, inaugurar a ampliação de sua planta industrial, dobrando a capacidade de produção. Atualmente, além do laticínio, a empresa possui a criação de rebanho de cabras para fornecimento de parte da matéria prima para sua produção. A outra parte é comprada de produtores rurais locais, assim como todo o leite de vaca consumido.

Em 2013, quando o inventário de bens culturais foi realizado e esse estudo foi feito, Airton informou que eram consumidos 1200 litros de leite de cabra por dia, e aproximadamente 3000 litros de leite de vaca, o que permitia uma produção média de 500 kg de queijo por dia.

A distribuição é feita principalmente para a cidade de São Paulo, sendo realizada por pequena frota própria de veículos.



Atualmente, a empresa Na Morada comercializa, através da marca Chèvre D'Or, os queijos de cabra: frescal, poivre d'ane, boursin, buchette, chevrotin, feta, camembert, chèvre a l'huile, feta temperado, saint marcellin, chèvre bleu.

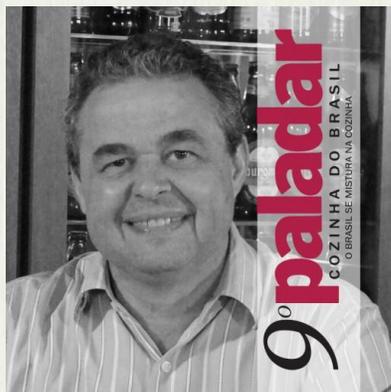
E através da marca Serra das Antas, são comercializados os queijos de vaca: brie, stracchino, fromage, parmesão, azul, reblochon, saint paulin, raclette, taleggio, pont l'éveque, bel paese.



Os queijos já foram reconhecidos através de vários prêmios conquistados por Airton, inclusive recentemente, em que 10 dos 11 tipos de queijos por ele apresentados, foram premiados. A crítica especializada já o elogiou diversas vezes.

O cuidado com a higiene no laticínio é exemplar. Todos os objetos passam por esterilização. O uso de luvas, toucas e máscaras é uma rotina.

Atualmente, Na Morada é uma empresa familiar administrada pelo casal Airton e Waldeci e pelo filho Caio. Na produção dos queijos estão envolvidos 32 colaboradores e na criação de cabras mais 7. Na filial, em São Paulo, estão também vários colaboradores e vendedores. Chèvre D'Or e Serra das Antas: das Furnas para o mundo.



Alunos do 9º ano da Escola Estadual de Bueno Brandão (Sérgio, Luara, Alexania, Kalline, Bruno, Letícia, Amanda, Ana Paula, Juliana, Karen, Maria Fernanda e Samantha), da professora Lúcia, também colaboraram nesta pesquisa.

As fotos são de Gerson Rossi e do site da empresa.

Patrimônio Cultural

O que pode ser considerado um bem cultural?

Nessas pesquisas, várias vezes foi mencionado o termo “Inventário de Bens Culturais”. Mas quais são esses bens? O que é um bem cultural?

São considerados como patrimônio cultural os valores que são próprios de cada cultura: todo objeto ou conjunto material ou imaterial, reconhecido e apropriado pela comunidade por seu valor de testemunho e de memória histórica, e que deve ser protegido, conservado e valorizado.

É também um conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo em sua comunidade, que está presente em todos os lugares e atividades, seja nas ruas, em nossas casas, nas danças, músicas, artes, museus, igrejas, escolas, nas praças, nos modos de fazer, criar e trabalhar, nos livros que escrevemos, nas poesias e brincadeiras.

Em outras palavras, quem define o que é patrimônio é a coletividade, que pode ser organizada, tais como os conselhos municipais de patrimônio, ou também qualquer indivíduo ou grupo de moradores de um bairro ou de uma comunidade – todos podem definir o que é importante para si. A partir de então, o que for escolhido pode ser pesquisado, para se saber a sua origem, sua história e o que representa para as pessoas. Enfim, pode ser “inventariado”. Esse trabalho é importante, pois caso esse bem cultural deixe de existir, ou se modifique ao longo do tempo, as futuras gerações terão oportunidade de conhecê-lo, ou saber como era quando ele ainda ocorria, ou existia. É o que o conteúdo do trabalho apresentado nesse livrinho tenta fazer: ampliar, divulgar e preservar as informações sobre nossos bens culturais.

O que é um inventário de bens culturais?

O órgão responsável pelo patrimônio cultural mineiro é o IEPHA: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.



Todos os anos o IEPHA estipula como devem ser desenvolvidos os trabalhos de proteção do patrimônio. Cada município tem sua autonomia para fazer suas decisões, mas sem se esquecer das diretrizes determinadas pelo IEPHA.

Os municípios fazem anualmente o seu inventário cultural. Para organizar o trabalho, O IEPHA divide o município em algumas áreas. No caso de Bueno Brandão, a divisão foi feita em três áreas: a zona urbana, zona rural leste e rural oeste. A cada ano, os bens localizados em uma dessas regiões são pesquisados ou, caso já o tenham sido, são atualizados os dados da pesquisa anterior. Fazer o inventário de um bem cultural significa escrever toda a história desse bem, sua importância, as modificações que sofreu ao longo do tempo e a sua descrição.

O ideal é que esse inventário seja participativo: todos os cidadãos podem indicar os bens culturais que consideram importantes para a coletividade. A partir de então, os bens indicados são pesquisados e passam a fazer parte do Inventário de Bens Culturais do município. É um trabalho feito aos poucos, ano a ano. Então, se um bem cultural ainda não faz parte desse inventário, não quer dizer que ele não seja importante.

Patrimônio material e imaterial: o que é isso?

O nome já diz: material é aquilo que podemos tocar, é matéria. Patrimônio material pode ser uma construção, objeto histórico ou de arte, conjunto paisagístico. Enfim, os bens culturais materiais são de diversas naturezas e podem ser bens imóveis ou móveis. Entre os imóveis temos:

- construções e núcleos urbanos (edificações ou conjunto de edificações, como casarões, igrejas. Nas cidades históricas, como Tiradentes, núcleos urbanos inteiros são um patrimônio, ou seja, os centros históricos, que englobam várias construções)
- sítios arqueológicos (como as inscrições rupestres, patrimônio que não possuímos aqui em Bueno Brandão, ou ao menos não é ainda conhecido).
- conjunto paisagístico (refere-se ao patrimônio natural, em nosso município representado pelas cachoeiras, picos, vales, e também conjuntos paisagísticos como as praças. Exemplo: Conjunto Paisagístico da Praça da Matriz, na foto abaixo).



Se a palavra imóvel se refere a algo que não sai do lugar, os bens culturais móveis podem ser levados de um lugar para outro. Entre eles temos como exemplo as imagens sacras (como a do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria, aqui em Bueno Brandão), coleções de peças arqueológicas, acervos de museus, documentos importantes e obras de arte.

E os bens imateriais? Esses não podemos pegar, tocar. São as práticas, festividades, representações, conhecimentos sobre fazeres e saberes, que as comunidades e os grupos reconhecem como parte de seu patrimônio, transmitido de geração em geração e sempre recriado, o que lhe confere um sentido de identidade e de continuidade. Contribui para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Um exemplo é o Arraiá do Zé Bagunça. recriado a cada ano e que, em 2017, foi reconhecido pelo IEPHA, o que lhe confere o “status” de um bem tombado. Só que como se trata de patrimônio imaterial, não dizemos tombado, e sim registrado.



Cuidando de nosso patrimônio



Uma das determinações do IEPHA é que cada cidade tenha seu próprio conselho de patrimônio cultural. Bueno Brandão tem o seu, com membros renovados a cada dois anos, atuando de forma voluntária, pois nenhum conselheiro é remunerado para tal função.

O conselho administra os recursos que o município recebe, anualmente, de acordo com o trabalho patrimonial que é desenvolvido, observando-se se ele segue as orientações dadas pelo Instituto do Patrimônio de Minas Gerais – IEPHA. Esses recursos são provenientes do recolhimento de ICMS (imposto sobre circulação de mercadorias e serviços). Uma parte desse imposto, recolhido no Estado de Minas, é destinado ao cuidado para com o patrimônio. Esse recurso é dividido entre os municípios mineiros que trabalham em conformidade com as orientações do IEPHA. Cada município recebe uma parcela desse recurso, proporcional ao trabalho que foi desenvolvido e à quantidade de bens de reconhecida importância cultural. Logicamente, cidades com patrimônio histórico e cultural mais relevante para o Estado e para o país, recebem uma porcentagem maior do valor disponível.

Mas é importante salientar e agradecer o trabalho realizado voluntariamente pelos integrantes do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural.

E quando se diz que um bem é tombado, o que isso significa?

O tombamento foi instituído por decreto-lei em 1937, aplicado aos bens de natureza material, definindo o Patrimônio Cultural Nacional como “conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico” ou artístico.

A palavra *tombo*, significando registro, foi inicialmente empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por Dom Fernando, em 1375, que se localizava em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo.

O tombamento de um bem cultural consiste em protegê-lo através de leis específicas, criadas especialmente para ele. Essa lei pode ser a nível municipal, estadual ou até nacional. Em Minas Gerais, quando um bem tombado é reconhecido pelo IEPHA, ou seja, a nível estadual, o município passa a receber um recurso (uma parcela do ICMS do Estado), especificamente para a sua conservação. Quando o reconhecimento é nacional, há também o repasse de recursos do Governo Federal, através do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Há ainda o reconhecimento internacional, quando o bem cultural é considerado, pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), como patrimônio cultural da humanidade. Neste caso, a UNESCO também repassa recursos e exige sua aplicação.

Bens tombados em Bueno Brandão

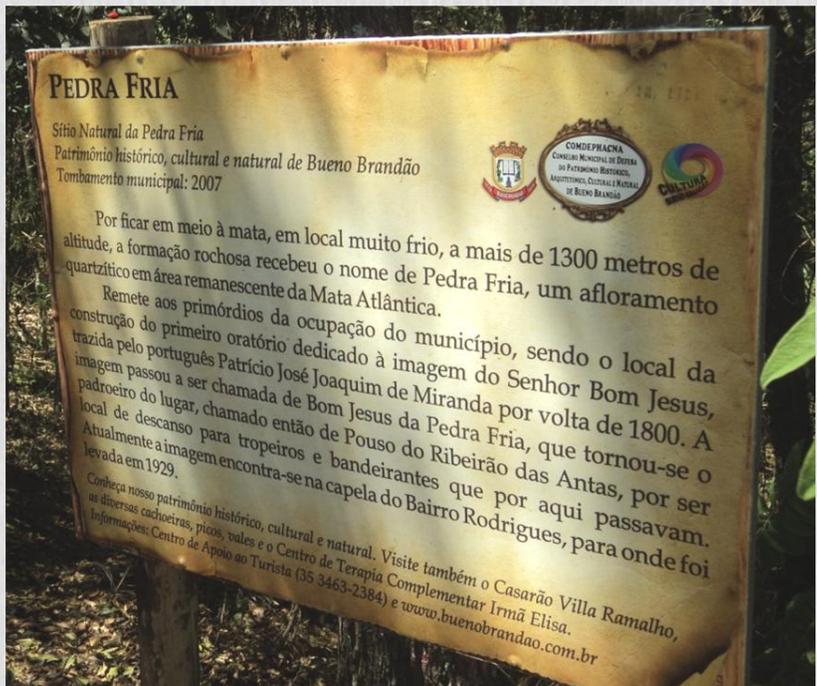
● Imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria

Esse bem material móvel foi tombado pelo decreto municipal 35, de 2006, com processo de tombamento aceito pelo IEPHA no mesmo ano. A imagem foi restaurada e encontra-se na Capela do Senhor Bom Jesus, no bairro Rodrigues. A importância histórica da imagem remete ao início do povoado que deu origem à cidade de Bueno Brandão (ver página 34).

● Sítio Natural da Pedra Fria

Bem natural, material e imóvel tombado em 2007, aceito pelo IEPHA em 2009. Assim como a Imagem do Bom Jesus, além da relevância como patrimônio natural, a importância histórica é incontestável, pois também remete ao início da formação de nossa cidade.

Placas instaladas no local em 2014, para explicar sua relação com a nossa história. A maioria já foi roubada ou depredada.



● Residência Villa Ramalho



Mais um bem material e imóvel, que foi tombado em 2002, mas com processo aceito no IEPHA somente em 2006. O Casarão Villa Ramalho, como é conhecido, tem uma grande importância histórica, já que foi palco de tantas decisões políticas em nosso município.

Em 2011, foi contratada uma empresa para elaborar um projeto de restauração, a fim de se realizar o processo licitatório para contratar os executores da obra. Mas, por ser uma obra que envolve vários tipos de serviços, que nem toda empresa é apta a realizar, as várias licitações feitas resultaram desertas, ou seja, não houve empresa interessada em fazer a obra na sua totalidade.

Após várias tentativas sem sucesso, e com os meses se passando, já que cada processo licitatório leva um razoável tempo para ser concretizado, optou-se por dividir a obra em etapas. A primeira delas atendeu a parte mais urgente a ser recuperada: o telhado.

Através de nova licitação, foi contratada a empresa que fez a obra, iniciada em 2015. Entretanto, quando da instalação das calhas, constatou-se algumas irregularidades no madeiramento. Sendo assim, a empresa responsável foi acionada para fazer os devidos reparos, que estão acontecendo.

Após o telhado estar devidamente pronto, serão instaladas as calhas, os condutores e, então, realizadas novas licitações para as outras etapas da obra, como portas e janelas, instalações elétrica e hidráulica e acabamento final da construção e do jardim.

● **Conjunto Paisagístico Praça da Matriz**

O tombamento da Praça da Matriz, com o trabalho do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, ocorreu em outubro de 2017, através do decreto municipal 156/2017. O processo aguarda a aceitação do IEPHA mas, a nível municipal, o bem já se encontra protegido. Isso evitará que reformas radicais, como ocorreu com a Praça Virgílio de Melo Franco, sejam realizadas.

Entre as diretrizes do tombamento está a limitação de construções com mais de 5 metros de altura no entorno da praça evitando que, no futuro, edificações mais altas não permitam que, de vários pontos da cidade, a praça com a Igreja Matriz, consideradas um cartão postal, sejam avistadas. E também para que, quem estiver na praça, possa continuar avistando a cidade.

● Arraiá do Zé Bagunça

Como se trata de uma festividade, temos então um patrimônio imaterial. Neste caso, não dizemos que o bem foi tombado, e sim registrado. O registro tem o objetivo de salvaguardar o desejo de uma comunidade em manter viva uma tradição.

O pedido de registro do Arraiá do Zé Bagunça foi encaminhado ao IEPHA em 2016 e aceito pelo mesmo em 2017. Trata-se de uma festividade de grande importância cultural e tradicional para o município cujo reconhecimento como patrimônio cultural junto ao órgão estadual responsável, muito alegrou a todos nós, nascidos e/ou residentes em Bueno Brandão.

E os museus, para quê servem?

Museu é uma instituição que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e apreciação. Pode ser considerado um local que reúne objetos importantes para alguém e para um grupo de pessoas, procurando cuidar e mostrar esses objetos. Museu não é, como muitos dizem, um lugar de coisas velhas. Ele não funciona necessariamente somente dentro de prédios. As cidades, os espaços naturais ou culturais também funcionam como um museu a céu aberto.

Quando tivermos o Casarão Villa Ramalho recuperado, o espaço poderá ser usado, inclusive, para abrigar o acervo histórico do município. Atualmente os museus se tornaram ainda mais atrativos, por fazerem uso da tecnologia, permitindo interação audiovisual.

O que é Educação Patrimonial?

São todos os processos educativos que promovem a construção coletiva do conhecimento acerca de patrimônios, incentivando a sua identificação e proteção. Todas as vezes que se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para melhor conhecer, entender e transformar a realidade que nos cerca, as pessoas estão realizando uma ação educativa. Quando tais ações têm foco no patrimônio cultural, está acontecendo, então, a educação patrimonial. Ela é uma forma de “alfabetização cultural” que possibilita às pessoas fazerem uma leitura do mundo que as rodeia, com sua trajetória temporal, histórica e sociocultural. Com isso é possível, então, reforçar a autoestima dos indivíduos e comunidades, valorizando a cultura local e brasileira.

Entre os projetos de Educação Patrimonial desenvolvidos pelo Departamento de Cultura, estão os que ocorrem em parceria com a rede de ensino de Bueno Brandão, tanto nas escolas municipais como estaduais.



os projetos contam com a participação e apoio do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural. Em 2013, o livrinho Histórias de Bueno Brandão, trouxe uma coletânea com textos de alunos contando causos e passagens que seus antepassados relatavam. Com esse resgate, o trabalho incentivou o contato das novas gerações com as anteriores.

Em 2014, o livrinho Histórias de Família – Por que nasci em Bueno Brandão, resgatou a origem de algumas famílias que aqui vivem, tentando descobrir como e por que seus patriarcas se fixaram nessas terras. Outra vez, a valorização do passado e a interação entre as gerações.

Em 2015, a proposta foi mostrar diversos aspectos da cidade, observando as mudanças ocorridas ao longo do tempo: festas religiosas, prédios públicos, campeonatos de futebol, estradas, iluminação pública, enfim, o ontem e o hoje de nossa cidade, lembrando o que já existiu, o que ainda existe e as mudanças ocorridas.

Casarão da família Bueno, já demolido.





A versão impressa deste livro faz parte do acervo da Biblioteca Municipal Maria Felicidade Costa, Rua Capitão Eduardo Carneiro, piso inferior do prédio do Telecentro (antiga APAE). Visite a Biblioteca Municipal: um ótimo e variado acervo num ambiente acolhedor, com opções para leitores de todos os gostos e idades.

Símbolos de nosso município

Em 1939, para os festejos de emancipação do município, Sebastião de Alcântara e Silva compôs o Hino de Bueno Brandão, cuja última estrofe foi incluída posteriormente, por José Silvério de Oliveira (“Zé Padre”).

O brasão e a bandeira municipal foram criados conforme desenho feito por Maria Dini, em 1984.



HINO DE BUENO BRANDÃO

*Desde muito tempo esquecida
Eis que rompem as suas cortinas
E surge então pra nova vida
Esta linda terra do sul de Minas.
Veja os filhos seus neste dia,
Esboçando alegria na frente,
É a era de paz e de harmonia
Que desponta em nosso horizonte.*

*Salve terra que tudo produz!
Teu futuro será cheio de luz.
Salve terra, teu céu de puro anil
Há de cobrir mais uma cidade do Brasil!*

*Os teus filhos cantam louvores
A teu nome, ó terra adorada!
Serás grandiosa entre os primores
E serás por Deus abençoada.
Corações unidos cantai
Este hino elevando esta terra
E em brado de amor exaltai,
Os segredos que o seu seio encerra.*

*Espargindo desde eras antigas
Aos fulgores de terra altaneira,
Que em grandeza a todos abrigas.
Rincão nobre da Pátria Brasileira
Resplandece Bueno Brandão
Aos destinos sublimes da glória
Enaltece o teu nobre brasão
Conquistado de ardor até a vitória.*

Cada pessoa tem seu próprio patrimônio cultural,
com tudo o que faz parte de sua vida.
Mas a convivência em comunidade nos une de tal forma,
que passamos a compartilhar,
inclusive, nossas histórias, laços afetivos e lembranças.
Daí surge um patrimônio que já não representa um cidadão,
mas uma sociedade.
Bueno Brandão tem tanta coisa que faz parte de nossas vidas.
Conhecer e divulgar esse patrimônio cultural
é manter viva nossa história,
permitindo que a lembrança das gerações passadas sobreviva,
para que as futuras gerações
tenham a possibilidade de visitar suas raízes.

